

MORADORA MAIS ANTIGA NÃO TEME FUTURO

Apesar da mágoa pelo abandono da família e da solidão em que vive, Maria Martins, 57 anos, é feliz. Calibrada pelo sofrimento, a potiguar de São Miguel (RN) ainda consegue fazer graça do próprio drama. "Quando vem a tristeza, vou dançar forró lá no Paranoá. Danço até amanhecer e tomo uns golinhos", diz. "Mas não para ficar bêbada", ressalta a ex-doméstica, que durante muitos anos viveu em barraco alugado em Ceilândia.

Com os dias contados para deixar o local, ela parece não se importar muito com o que pode lhe acontecer. E a tranquilidade tem explicação: entre idas e vindas,



Maria prepara um ensopado de batata: "Desesperar pra quê?"

Maria completou três anos morando debaixo da Ponte do Braqueto. É a "moradora" mais antiga do local. E conta isso com certo orgulho. Virou uma espécie de

conselheira dos invasores.

E todos a respeitam. Ai de quem contestá-la. Ontem, enquanto todos discutiam sobre a data da retirada, despreocupadamente Maria descascava batatas para fazer ensopadinho. A água para o almoço ela pega numa bica a um quilômetro da ponte. "Vai ter arroz, feijão e ensopado de batata", enumerava o cardápio.

"Desesperar pra quê?", indagava. "Deus fecha uma porta e abre uma janela", filosofa a moradora da ponte quando perguntada para onde vai depois da retirada.

Vivendo exclusivamente da caridade das pessoas que por ali passam, Maria diz também que faz "uns bicos" vigiando carro no estacionamento do Hospital Pronto-Norte. "Só dá pra comprar o cigarrinho."

E o frio? "Ah, meu filho, já acostumei. Tem dia que entra pelos ossos e dói até na alma." (MA)